

Nota dos editores

Chegamos à edição do volume duplo de 2013 com o olhar voltado para movimentos sociais recentes tanto no Brasil como em todo o mundo. Como nos propusemos, trazemos no volume 1 da Revista Cadernos de Estudos Sociais o dossiê temático **Crise e protesto social: 2008-2013**, que traz análises sobre o contexto contemporâneo.

Desde a crise financeira de 2008, muito se tem discutido a respeito da economia global, dos destinos da globalização, da efetividade das estruturas de governança global. Em relação com a crise, não apenas houve uma intensificação de práticas de coordenação de ações e políticas em nível intergovernamental e multilateral, mas também emergiram protestos e movimentos sociais que expressaram de diferentes maneiras, orientações ideológicas e através de uma multiplicidade de demandas, sua insatisfação e frustração com os destinos da política e da economia nos países mais diretamente afetados pelos efeitos da crise financeira. Este número da revista pretende abrir um espaço de reflexão e debate a respeito das múltiplas dimensões da questão, em escala global, a partir de casos locais (pensado este termo em diferentes escalas – do comunitário ao continental – em relação ao global).

Os protestos e os movimentos sociais que emergiram expressaram orientações ideológicas e uma multiplicidade de demandas que ainda carecem de um hiato temporal para serem compreendidas. Uma multiplicidade de interpretações *ad hoc*, dado o caráter recente e desconcertante dos protestos, tem sido oferecida para esses processos: expressão de frustrações e angústias com as condições socioeconômicas dos países atingidos pela crise financeira; inconformismo com a baixa representatividade das instituições políticas vigentes nos países onde tais eventos se deram, sejam elas democráticas ou autoritárias; recusa da intermediação política tradicional e da utilização de métodos associados a ela; surgimento de novos atores e novos lugares da política etc. No plano avaliativo, tem-se destacado a dimensão autonomista e emancipatória desses movimentos, as possibilidades de instrumentalização dessas mesmas frustrações e angústias por discursos de vários matizes ideológicos, a tensão entre manifestação

Volume 28, números 1/2, janeiro a dezembro de 2013

“ordeira” e violenta, ou a dificuldade de resposta a uma pluralidade incontida de demandas de várias escalas e relevância.

Entendemos que não se deve fixar o olhar sobre os protestos brasileiros de 2013 sem uma perspectiva conjuntural, que dê alguma densidade cronológica a sua compreensão, e sem uma preocupação que transcenda os marcos nacionais. A resposta desconectada de uma interrogação sobre a conjuntura e presa a chaves interpretativas nacionais produz uma falsa imagem de singularidade e ao mesmo tempo fixa o sentido possível das demandas articuladas nestes protestos de modo autorreferido e restritivo. A dupla hipótese que animava a chamada para a discussão do tema era a de que (i) há alguns anos se vivencia a emergência de formas de ação coletiva que vão deixando uma espécie de molde retomado em outros eventos subsequentes – o que se amplia mesmo em alguns casos para o conteúdo das demandas, não apenas para suas formas de expressão – e (ii) há questões desencadeadoras desses protestos que vão além do marco nacional e apontam pelo menos para as reconfigurações da economia capitalista contemporânea e para os efeitos de décadas de ativa e ampla difusão do imaginário democrático e das políticas de identidade. Naturalmente, esta dupla hipótese não pautou os autores do dossiê sobre o tema que apresentamos no volume 1. Sugerimos, porém, que através das leituras apresentadas, e considerando as diferentes perspectivas analíticas e políticas defendidas pelos autores, esta hipótese sinaliza para a necessidade de olhares mais atentos às conexões aparentemente fortuitas ou abertamente admitidas entre essas manifestações, para que as respostas a elas não alimentem expectativas infundadas ou recaiam em enquadramentos anacrônicos do que há de novo nos protestos.

Questões de atribuição de sentido e de impacto estão no cerne da emergência representada pelos protestos e movimentos recentes. Desta forma, multiplicidade de interpretações é o que já se apresenta na materialização dos próprios protestos e em sua recusa de fazerem-se referir a um denominador comum que vá além de certa recusa do que “está aí”. Também múltiplos são os repertórios de ação utilizados, com a crescente utilização das mídias sociais como instrumento de conexão, articulação, mobilização e difusão. Isto se poderá perceber claramente nas contribuições que constituem o dossiê.

Volume 28, números 1/2, janeiro a dezembro de 2013

Os artigos aqui publicados seguem diferentes orientações quanto à ideologia e aos significados atribuídos às manifestações. No artigo que abre o dossiê, *Las insurgencias no tienen un plan — ellas son el plan: performativos políticos y mediadores evanescentes*, o professor Benjamín Arditi, do Centro de Estudios Políticos y Sociales da Facultad de Ciencias Políticas y Sociales do México, tenta imprimir os primeiros sentidos a esse contexto ao discutir particularmente dois movimentos: a Primavera Árabe e as manifestações estudantis no Chile. O segundo artigo, *O contexto atual dos protestos no Brasil e o pluralismo democrático*, Gabriela Falcão de Almeida aborda as manifestações de junho de 2013 no país, também atenta à questão da multiplicidade de sentidos.

O modelo contemporâneo das movimentações sociais também se apropriou das redes sociais, e a doutora em Comunicação Carolina Figueiredo observa este processo no texto *Sáimos do facebook #soquenão: sobre os discursos que circularam no Facebook e os cartazes levados às ruas nos protestos de junho de 2013*. O dossiê se encerra com o trabalho do antropólogo Jefferson Virgílio, que propõe uma revisão e uma reconstrução da abordagem metodológica desses movimentos a partir do olhar sobre as manifestações estudantis portuguesas entre 2012 e 2013.

Além do dossiê temático, o volume também é composto de mais três artigos. O primeiro, da professora da Universidade Estadual do Piauí, Samária Araújo de Andrade, *Economia política da comunicação: origens, reflexões e tendências*, expõe pontos fundamentais sobre esta perspectiva teórica. No texto seguinte, *Um ocidente ao ocidente do ocidente: algumas reflexões sobre o discurso pós-colonialista e o discurso do tropicalismo*, o sociólogo Marcos Lacerda realiza um estudo sobre o pós-colonialismo à luz do livro de ensaios de Caetano Veloso, *Verdade Tropical*, de 1997. Fechando o volume, temos o artigo *Reflexões sobre avanços e entraves à adequação do serviço de acolhimento: abrigo institucional no Recife e Região Metropolitana*, de Ana Maria Groarke e Bernadete Zimmerle. As pesquisadoras debatem as condições dos abrigos institucionais da RMR, depois de vinte anos da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

O volume 2 de 2013 não possui dossiê associado e constitui-se de contribuições livres. Mas algum agrupamento é possível indicar para elas. Num primeiro bloco, temos

Volume 28, números 1/2, janeiro a dezembro de 2013

contribuições que cobrem a questão da docência das ciências sociais, seja o novo campo da “sociologia” no ensino médio (disciplina que abriga o amplo espectro das ciências sociais no currículo escolar brasileiro de hoje), seja a institucionalização da relação entre ensino e pesquisa no estado de Pernambuco. Assim, abrimos o volume com o artigo *A antropologia no ensino médio: uma análise a partir dos livros didáticos*. O texto, do sociólogo Amurabi Oliveira, discute o espaço da Antropologia dentro da disciplina de Sociologia no ensino médio brasileiro. Os professores Harrison e Maria Cláudia Bachion Ceribeli abordam a questão dos tutores presenciais na educação, no artigo *Uma análise da atuação dos tutores presenciais na educação a distância no ensino superior: um estudo de caso*. No terceiro artigo, intitulado *As instituições e a formação do campo científico em Pernambuco*, a doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente Andréia Santos analisa a formação do campo científico em Pernambuco a partir da implantação de instituições de pesquisa, ensino e fomento.

Um segundo bloco agrupa contribuições que exploram expressões da cultura no cenário contemporâneo e suas formas de agenciamento identitário e institucional. Assim, a posição do consumo na contemporaneidade, observando a emergência de uma cultura de consumo a partir da perspectiva lahireana, é o tema do trabalho de Rodrigo Vieira de Assis no artigo *Para uma análise sociológica do consumo à escala individual*. No texto seguinte, da doutora em Sociologia Sheila Borges de Oliveira, intitulado *As teorias disposicionalistas e o estudo da pluralidade do repórter-amador*, é feita uma discussão sobre o papel recente do cidadão comum no uso de redes sociais para a construção livre de notícias. O pesquisador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade Ivar César Oliveira de Vasconcelos propõe um estudo sobre as instituições de ensino superior no artigo *La universidad ya no es una institución: ¿cómo renovar?*

Um terceiro bloco apresenta contribuições que lidam com a subjetividade e duas áreas de intensa conflitividade nas demandas sociais contemporâneas: a sexualidade e a religião. As polêmicas recentes sobre o casamento, com a constituição de um novo conceito de relação homoafetiva com bases legais, é o assunto do artigo *On doma: critical rhetoric and marriage equality*, de Giuliana Sorce, da Indiana University-Purdue University Fort Wayne (EUA). Anderson Severino de Oliveira Tavares e

Volume 28, números 1/2, janeiro a dezembro de 2013

Lemuel Dourado Guerra, da Universidade Federal de Campina Grande, abordam no artigo *A tendência à assemelhação entre modelos de religiosidade: padronização dos bens religiosos da Igreja Católica com os das Igrejas Neopentecostais* a questão do consumo de produtos religiosos e a aproximação de práticas entre as religiões.

Como prometido, inauguramos com este volume duplo o espaço para publicação de artigos em espanhol e em inglês, permitindo com isso um diálogo mais intenso com a comunidade acadêmica internacional. Também ressaltamos o processo de seleção de artigos, feito por avaliação cega entre pares, selecionados a partir do seu conhecimento nas diversas áreas contempladas pela CES. Com a política de acesso *on line*, a revista sai primeiramente em versão virtual para em seguida ter a edição impressa, mantendo assim um espectro maior e mais imediato de divulgação, conforme a tendência editorial das publicações científicas. Agora com nova programação gráfica, já presente no segundo volume de 2012, a versão definitiva de cada edição sairá sempre após a diagramação.

Agradecemos aos muitos colegas que contribuíram com a avaliação dos textos aqui publicados e convidamos a todos os leitores para enviarem seus artigos e resenhas pelo sistema *on line* para a Cadernos de Estudos Sociais. Esperamos a cada edição aprimorarmos o nosso trabalho, afinando-o com as necessidades crescentes de espaço para divulgação do saber no campo das humanidades e particularmente das ciências sociais.

Patricia Bandeira de Melo

Isolda Belo da Fonte

Joanildo Burity

Editores da Revista Cadernos de Estudos Sociais